

Memória e História na coleção “Cinema em livro: Eduardo Coutinho”

Alda Heizer¹

215

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

A memória sem dúvida tem algo a ver não só com o passado, mas também com a identidade e, assim (indiretamente), com a própria persistência do futuro. (Paolo Rossi, 2010, p.24)

Analisar um acontecimento é, inevitavelmente, produto de uma escolha, e, quando se trata de um documentário, alguns pontos devem ser considerados: as circunstâncias de sua produção, seus autores e atores, a linha escolhida de apresentação, entre outros não menos importantes.

Aqui, o que está em evidência é um livro sobre o documentário “Volta Redonda, memorial da greve”, dirigido por Eduardo Coutinho e Sérgio Goldenberg, finalizado em 1989.²

Editado pela 7 Letras, trata-se de um volume que faz parte de uma coleção “Cinema em livro: Eduardo Coutinho”.

A ideia, bem sucedida, das organizadoras Eliska Altmann e Tatiana Bacal de convidar profissionais (cada volume é apresentado por dois profissionais) das Ciências Sociais e do Cinema para analisarem tais documentários a partir de sua ótica, reforça a ideia de o documentário ser “visto por...” buscando estabelecer um diálogo entre duas áreas plenamente articuláveis. Peões e Cabra Marcado para Morrer, são outros títulos que convidam a uma leitura fácil e objetiva.

De edição cuidadosa, com 45 páginas, tamanho possível de ser levado no bolso; lido no metrô, no ônibus, no café, na praça; o livro cumpre o objetivo de apresentar questões teóricas pertinentes aos lugares de onde se fala a um público amplo e apresenta uma qualidade que justifica a sua publicação: divulgar questões de campos distintos em diálogo, levando o leitor de diferentes formações para outras paragens.

No presente volume, “Volta Redonda, memorial da greve”, a escolha de José Ricardo Ramalho, cientista social, não foi por acaso. O autor é um especialista em pesquisas sobre relações de trabalho na indústria, sindicato e sindicalismo e identidade operária³.

Em seu capítulo intitulado “Volta Redonda, memorial da greve, um relato para ficar na história”, Ramalho descreve a greve de 1988 dos metalúrgicos da Companhia Siderúrgica Nacional (a CSN) de Volta Redonda, como

um dos episódios mais marcantes da história do trabalho e do sindicalismo no Brasil e tornou-se uma referência pelo seu caráter heroico e pela repercussão alcançada num país que tentava se desvencilhar das agruras de um passado ditatorial recente.⁴

1 aldaheizer@jbrj.gov.br

2 Fotografia: Mario Ferreira; Assistente de fotografia: Marcondes B. Barbosa; Som direto: Antonio Gomes; Edição: Alice Grisoli Costa; Narração: Francisco Milani; Produção: ISER Vídeo (para a Diocese de Barra do Piraí e Volta Redonda).

3 José Ricardo Ramalho apresenta ao final do capítulo uma bibliografia completa para quem deseja se aprofundar sobre a temática.

4 José Ricardo Ramalho & Vladimir Carvalho. Volta Redonda, memorial da greve visto por José Ricardo

Trata-se de um documentário de 38 minutos, com relatos dos envolvidos com o evento; atores sociais que expuseram suas experiências num episódio envolvendo a violência das forças militares de repressão. Os trabalhadores, no documentário, assumem um protagonismo que, segundo Ramalho, naquelas circunstâncias,

ser trabalhador é mais do que desempenhar a atividade laboral propriamente. É ter uma identidade social construída através do trabalho, de modo complementar a outras experiências da vida.⁵

Ramalho aponta no documentário alguns pontos importantes e contextualiza-os com pesquisas de outros autores sobre as temáticas: a história da construção da CSN; a presença de Getúlio Vargas em 1946 na inauguração da usina e o início de sua produção, o significado de sua implementação no processo de industrialização no Brasil; a cidade e sua centralidade no imaginário coletivo; a presença da usina, das relações sociais e as mudanças nas vidas das pessoas da cidade.

O autor ressalta ainda que o documentário permite também inferir sobre a ação da CSN na formação e conformação de um “operário padrão” e na constituição de “uma família siderúrgica”⁶.

Ramalho indica como logo no início do documentário, Coutinho e Rosenberg trazem o espectador para aspectos dos anos de 1980 chamando a atenção para a centralidade da Igreja Católica diante das tensões do momento. Waldyr Calheiros, bispo na ocasião, tem um protagonismo que é apresentado por várias vezes no documentário e é revelador da efetiva participação das comunidades eclesiais de base, bem como, a opção da igreja pelos pobres. São momentos contundentes em que o bispo assume um papel claro de liderança e de resistência de parte da Igreja Católica à ditadura militar.

Em 1970 surge em cena um novo personagem trazendo para o sindicato uma nova forma de atuação que foi a liderança do operário Juarez Antunes.

Antunes está presente no documentário com o apoio da Igreja e reflete as mudanças no movimento sindical que, para Ramalho, tem destaque especial. Nos anos 1980, segundo Ramalho, a ação sindical contesta as práticas da usina e ao ambiente militarizado imposto à cidade. O documentário mostra a primeira greve da história da CSN, em 1984, já apresentando um sindicalismo diferente dos anos anteriores.

O autor destaca como Coutinho e Goldenberg lançaram mão de imagens de amadores, registros fotográficos, eventos sobre a decisão de paralização, entre outros, reforçando um novo momento da ação dos trabalhadores. O documentário se volta para a principal paralização: a de 7 de novembro de 1988 e sua grande mobilização sindical.

Segundo o autor, o espectador tem a nítida impressão que houve um apoio dos moradores à greve de então. Um exemplo seria como Coutinho e Goldenberg foram felizes ao trazer o conflito entre um pai e um filho, em lados opostos, apresentando ao espectador a complexidade das experiências existenciais/históricas do momento.

As cenas de truculência da polícia, a invasão da fábrica, os confrontos com os trabalhadores, são imagens que são privilegiadas pelos diretores. A missa Campal, realizada em 13 de novembro de 1988, em que milhares de pessoas,

Ramalho e Vladimir Carvalho; organização Eliska Altmann & Tatiana Bacal. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017. p. 9

5 Idem p. 10.

6 Idem idem p. 14.

sob a liderança do bispo Waldyr manifestam sua solidariedade aos mortos: cena emocionante em que para cada chamada de nome de um operário morto, todos repetem “presente”.

Segundo Ramalho, outro acontecimento ganha destaque no documentário que foi a reação do arquiteto Oscar Niemeyer ao saber que sua obra fora atingida pelas forças de repressão aos operários. Para o arquiteto, era bom que se reerguesse como estava, um monumento a um acontecimento que se queria reter na memória. Talvez seja essa uma das explicações para Ramalho nomear o documentário como “um relato para ficar na história”.

No capítulo “A volta por cima” de Vladimir Carvalho, o documentarista e crítico de cinema, analisa a produção do documentário de Coutinho e Goldenberg chamando a atenção para os acontecimentos dramáticos que circunstanciaram o documentário, entre eles: a destruição do monumento de Niemeyer logo após a sua inauguração, no Dia do Trabalho, em maio de 1989.

Segundo Carvalho, a repercussão do acontecimento foi gravada pelos diretores que acordaram com o estrondo da explosão e captaram a reação imediata da população.

No entanto, para Carvalho, o documentário de Coutinho e Goldenberg fora pontuado por um *didatismo* que estaria muito distante da concepção de Coutinho em direções posteriores, como no filme *Edifício Master*.

O documentário, ao som da Internacional, absolutamente em consonância com a época, mas que, no entanto

paga o preço ao fato de ser uma ‘encomenda’, outra abominação do Coutinho, porque faz parte de uma série de filmes dirigidos por ele, num tempo em que, para sobreviver, trabalhou para o Instituto de Estudos Religiosos (o ISER), no caso consorciado com a Diocese de Barra do Pirai, e para o Centro de Criação de Imagem popular (CE-CIP), ambas entidades dedicadas a produzir conteúdo em reforço dos direitos humanos e formação de cidadania⁷.

Carvalho traz para o leitor como é preciso ver as obras e seus autores em seu tempo, as produções relacionadas diretamente as experiências históricas datadas, com isso chamando a atenção para como Coutinho foi sempre um grande diretor em todas as suas fases de cineasta: do *Memorial da greve a Peões* (2004).

Carvalho ressalta que o cineasta Coutinho:

nos legou, nunca é demais repetir, uma obra de rigor ético, preocupação social, ternura pelo ser humano, suas angústias e percalços, levaram o documentário brasileiro a altitudes jamais alcançadas.⁸

Em tempos como os de hoje, uma coletânea como a “Cinema em livro: Eduardo Coutinho” é mais do que bem vinda; é absolutamente necessária e reforça o que o historiador Eric Hobsbawn afirmou em conferência sobre o sentido do passado: “ser membro de uma comunidade humana é situar-se em relação ao seu passado, ainda que apenas para rejeitá-lo. O passado é uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana.”

⁷ Idem idem p. 41

⁸ Idem idem p. 42

Referências

RAMALHO, José Ricardo & Vladimir Carvalho. *Volta Redonda, memorial da greve visto por José Ricardo Ramalho e Vladimir Carvalho*; organização Eliska Altmann & Tatiana Bacal. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.

ROSSI, Paolo. Lembrar e esquecer. In: *O passado, a memória, o esquecimento*. Seis ensaios da história das ideias. São Paulo: UNESP editora, 2010. pp15-38.

HOBBSAWM, Eric. O sentido do passado. In: *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. pp.25-43.

Resenha do livro *Volta Redonda, memorial da greve visto por José Ricardo Ramalho e Vladimir Carvalho*. Organização Eliska Altmann & Tatiana Bacal. 1.ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.